

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 675	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	54500	13900	4950	\$120	30 DE SETEMBRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entradã pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	23500	—	—		

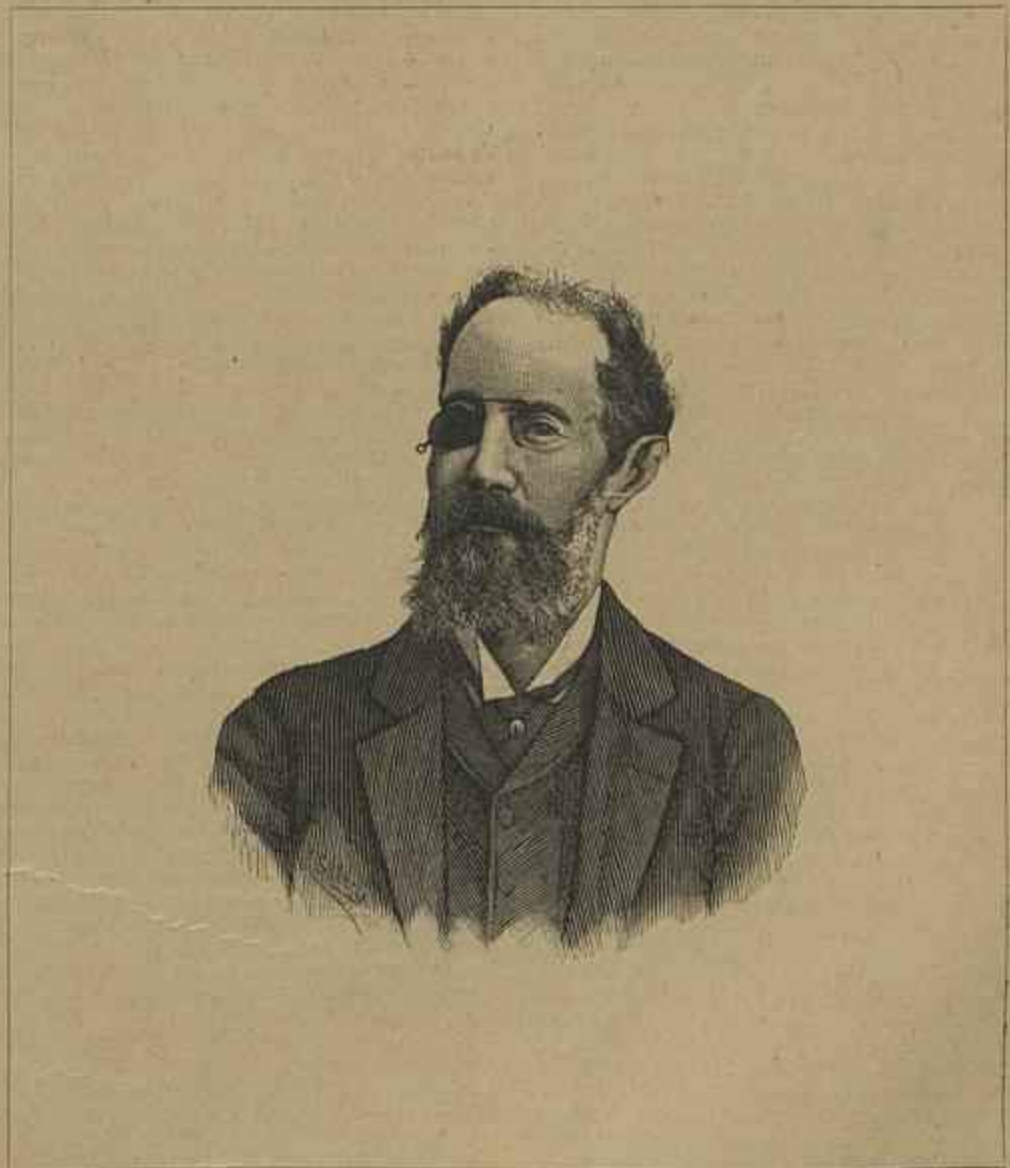


CHRONICA OCCIDENTAL

Foram-se os hespanhoes.
Chegaram os hespanhoes, foi a unica noticia digna de menção nos primeiros quinze dias d'este mez. Foram-se os hespanhoes a unica digna de archivo nos ultimos quinze dias.
A paz podre d'este fim de verão em Lisboa nada mais alterou. Um ponteiro de segundos parece um ponteiro de eternidades!
Entretanto comboios cheios de gente giram por essas linhas dos arredores.
Hoje a distracção predilecta dos lisboetas é sair d'aqui. Os tranvias de Sacavem, os de Quezuz, os comboios para Cintra e Cascaes assobiam constantemente, desenrolam os seus altivos penachos de generaes em chefe.
É lindo qualquer d'esses passeios.
A machina apitou, mais um apito, um toque de corneta e o monstro de ferro, com as goelas chammejantes, penetrou no antro sombrio. Os mais cuidadosos fecham as janellas; todos se calaram. Era pleno dia, é noite escura agora.
As baforadas de vapor começam a illuminar-se por baixo; são como visões brancas voando. Cresce a luz pouco a pouco, a bulha diminue, entra o sol ás golfadas pelas carruagens. Estamos fóra do tunnel. Respira-se. O sol é lindo e todos olham uns para os outros com um pequenino sorriso de satisfação.
Campolide. Um ramalhete de eucalyptos n'uma cova, e por cima um grande edificio escuro. É o asylo das irmãsinhas dos pobres, onde meia duzia de santas, inspiradas pela caridade, dão paz, socego, vida a alguns centos de velhinhos que as abençoam. Um passageiro pergunta: — O que é aquillo? E outro responde com ar superior: — Mais um coio de jesuitas.
Um apito. Adeante. Serpeia entre os montes aridos o rio de Alcantara, que andando uns metros vai passar sob o arco grande em ogiva do grande aqueducto. Depois mais rios, pomares frescos, casas alegres. Uma estação, outra. A esquerda a quinta do Pinheiro, onde pela primeira vez foi representado o *Frei Luiz de Sousa*, a grande obra de Garrett, a maior do theatro portuguez, a tal que nunca foi equalada, com grande pasmo de certos parvos, que querem uma obra genial por dia.
Entre-Campos. Muitos zimborios, quatro á direita, um á esquerda, estylo para toiros. Depois uma casa, fôrma de ferro de engommar, e alarga-se a vista pela planicie extensa. Lisboa ao longe. Igrejas brancas nas alturas. Perna de Pão. Apeiam-se uns homens de narizes encarnados.
Altas trincheiras. Valle de Chellas. Paisagem serena e triste, lembrando a do Evangelho. Oliveiras, poços, montes de cristas em curvas suaves. Depois uns palacios velhos, o velho convento de Chellas, tão cheio de tradições. Ali passou a mocidade a Marquiza de Alorna, *Alcippe*; ali fez os seus primeiros versos sua irmã, quando, triste, por muito nova, a não deixarem assistir ao outeiro em que brilhava o Bocage. Quando o exercito do Duque d'Alba entrou em Lisboa, atravessando a ponte de Alcantara, os soldados saquearam os arredores, mas não viram o convento, milagrosamente defendido por meia duzia de

anjos, da milicia ceeste, que, toda a noite, a cavallo, com grandes mantos brancos nos hombros, espadas desembainhadas, defenderam a casa do Senhor.
No velho convento está hoje estabelecido o collegio das Missões Ultramarinas. Diz-se que se tem commettido por lá verdadeiros actos de vandalismo. Não admira; é o costume. A tradição é uma palavra, a arte uma palavra mais pequena. O philosopho d'hoje tem outras noções mais avançadas, frases mais sonoras com que enche a bocca. A arte resume-se no seguinte, sympathico aphorismo: Sejamos catitas.
Outro apito. Braço de Prata. Por entre os paredões das fabricas avistam-se nesgas do Tejo immenso. É o Mar da Palha. Nos dias mais claros destaca-se no céu azul a grande serra da Ar-

rabida, o castello de Palmella, as casarias brancas á beira Tejo, o areal do Montijo. Parreiras ao longo do caminho. Cabo Ruivo. Apeia-se mais gente de nariz encarnado.
A vista alarga-se agora á vontade. Oliveiras. A oliveira é o symbolo da paz; ella e o sobreiro são as arvores mais queridas. No Tejo immenso como um mar, sereno como um lago, vogam as grandes faluas de velas amarelladas. As agua, que mal se vêem bolir, tem grandes manchas opalinas. O comboio anda mais rapido. A distancia entre estações agora é maior, proximo ao termo da jornada. Na moldura dos vidros das carruagens o quadro vai mudando; casas velhas portuguezas, sympathicas; uma nota estridula, desafinada, de telha de Marselha; um jardim pequenino cheio de sombras; o verde escuro d'um pomar. Os fios



ANTONIO BATALHA REIS
(Cópia de uma photographia do sr. A. Bobanc)

ANTONIO BATALHA REIS

do telegrapho sobem e descem. Giram os sulcos das campinas. Sacavem.

E á volta todos os homens de nariz encarnado veem m'is alegres, cantando. A viagem é rápida. O grande boraco negro de noite não impressiona como as horas de sol. Chegou-se a Lisboa.

Iremos outro dia pela linha de Cascaes. A esquerda sempre o Tejo, depois sempre o mar. A linha vai até Alcantara junto a rua, e os passageiros do comboio sorriem d'alto, desdenhosos para os americanos a meio chouto. Vão as carruagens apinhadas, dentro cheias, cheias as plataformas, ás vezes os estribos e os tectos.

O comboio atravessa, apitando, o grande areal da Junqueira. Entra em Belem. No alto o grande prisma semiborbão do palacio da Ajuda, cá em baixo os Jeronymos. Fechemos os olhos. Ahí está a torre de Belem ao pé do gazometro. Viva o progresso!

Respiremos. Arvores pela encosta, casarias risonhas, estamos em Algés. No banho lindas meninas, que um perna-fina namora. Velhas gordas de calção. Fala-se do comboio para a praia, da praia para o comboio. Vai sahindo solenne, roncando, um grande paquete. Ha uma coroa de espuma em volta da Torre do Bugio. A areia da praia brilha ao sol. Velasinhas no horizonte, tão longe, tão pequeninas, que parecem gaivotas.

E o comboio sempre á beira do Tejo, passando rente com as barracas. Chega ao muro em curva da Cruz Quebrada. As ondas já são filhas das ondas do mar, cujos rugidos se escutam. Atravessamos a estrada junto ao muro das Almas, mandado construir pelo Marquez de Pombal, no caminho do seu palacio em Oeiras.

Caxias. Paço d'Arcos. Passeiam grupos pelas estradas. Toilettes claras de senhoras. Sombrias: vermellas. Lá anda o Frescuras com o seu palhinha. Cada vez mais perto, ouve-se o mar. Oeiras e o caminho da Torre de S. Julião. Recordações de medonhas tragedias do absolutismo. Ali á direita vivia o grande marquez com a alma negra de remorsos; ali á esquerda foi enforcado Gomes Freire de Andrade. Ha que tempo isso foi!... O comboio pára. Palitos e biscoitos!

Estamos na charneca, cortada aqui, além, por pedaços de vinha que o sol do outomno doirou com o mesmo oiro d'esse vinho extraordinario, puro, perfumado, scintillante. Estamos em Caravellos. Olha o mar largo! Começam a amontar-se os chalets. Cada qual os mandou construir conforme o gosto. Passamos pela Parede, descemos ao Estoril. Cada vez mais chalets! A felicidade do portuguez é ter um chalet! O nome estrangeiro são-lhe catita. Lindos pedaços de verdura. Pinhaes, palmeiras. Á esquerda a bahia de Cascaes, ao longe a cidadella. Defronte, ancorada, a canhoneira. Entramos na villa.

Fala-se em festas, em bailes, em jogo.

Rodam pelas estradas em curva do parque do Estoril, fazendo ranger a areia mansamente, carruagens ricas.

Passeemos. Ali está a casa do Bernardo Pindella, com os seus telhados á portugueza, e o alpendre, a sorrir vaidosa, como uma linda mulher do campo, fresquinha e sadia, entre dançarinas caiadas com pó de arroz azedo.

De manhã a praia anima-se e o mar canta madrigaes beijando pés bonitos. Lá por detrás, na Bocca do Inferno, rugem outras ondas ciumentas.

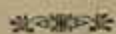
Cascaes é o sonho doirado de muitos; mas são horas, havemos de voltar.

No Dáfundo veem-se os primeiros bicos de gaz. E' a grande civilização que se ostenta! Vejam lá o gazometro não é maior que a Torre, que, coitadinha, mal se vê! Viva a civilização!

Entram uns homens de narizes encarnados. Não sei o que teem estes homens que apparecem por toda a parte! Mas estes não riem, veem teimando. Um, todo inflamado, jura que não ha força como a do vapor, o outro, mais manso, teima que a machina leva cavallos dentro a puxar!

As ruas em Lisboa estão desertas, quasi todos os theatros ainda fechados. Um silencio pesado cai sobre a cidade, em que fazem ecco os bocejos dos policias. Um homem passa rápido, diminuindo a luz nos candeeiros. Ao silencio junta-se a sombra. Fecham-se as portas das tabernas, sempre das ultimas a fecharem. Um sino bate devagar duas horas. O silencio é cada vez maior e então, devagarinho, encostados aos muros, resmungando coisas, passam em fila, mais narizes encarnados.

João da Camara.



Quem é que conversando n'uma sociedade, n'um passeio, n'um café, apparecendo n'um salão de theatro ou de concerto, nas cidades como nas praias, não tenha ouvido fallar em Antonio Batalha Reis, ou não o conheça pessoalmente. Talvez só os novos, os muito novos, sempre occupados com a sua novidade, não distingam esta sympathica e atrahente individualidade, este trabalho infatigavel, sabio, estudioso, observador, e mestre profundo, ensinando sempre e de todos os modos, quer na preleção seria, mas desprentenciosa, quer na anedocta mais a proposito e desopilante. E que deliciosas historias, que observações bem cabidas, que attração de linguagem e interesse de conversação!

Dizer que Batalha Reis é um agronomo distincto, viticultor, œnologo, um mestre em assumptos de agricultura geral, de cultura da vinha, do fabrico e aperfeiçoamento de vinhos, é dizer o que todos sabem, é repetir aos ouvidos de cada um quanto pode e vale uma reputação feita em trinta e quatro annos de trabalho assiduo, bem encaminhado e productivo, porque deve dizer-se que Batalha Reis, desde 1863 que trabalha para o progredimento e defeza das nossas riquezas agricolas.

Não resistiu á tentação universitaria e em Coimbra obteve approvação em 3 annos da Faculdade de Philosophia entre a *bohemia* mais original e cheia de vivacidade, e os livros e estudos especiaes, que já marcavam a predilecção a que não poude durante muito tempo resistir, matriculando-se em 1860 no Instituto Geral d'Agricultura, sendo desde logo dispensado da frequencia do primeiro anno do curso de agronomia, em vista das altas habilitações que já possuía. O sabio mestre, o venerando agronomo portuguez o mallogado conselheiro João Ignacio Ferreira Lapa, estava então no auge da sua fecundissima actividade e formoso talento, e Batalha Reis ressentiu-se bem da influencia do grande mestre e amigo com quem trabalhou e a quem votou sempre a mais santa amizade e admiração justificada. E com um mestre como Ferreira Lapa, como poderia um espirito da tempera de Batalha Reis, ficar mudo e improductivo, concentrado na convicção intima do seu saber e d'elle fazendo monopólio, que só a si aproveitasse! Espiritos d'esta tempera não se concentram, pelo contrario, irradiam, expandem-se, proliferam, manifestando a sua actividade, o seu valor, em mil trabalhos de utilidade immediata, orientados n'um sãõ criterio, e ditados por consciencia recta e sempre honrada.

Póde-se errar muita vez, póde-se partilhar uma ou outra opinião que o andar dos tempos faça velha, mas só não erra, só não se engana, quem se concentra no seu mütismo, admirando-se a si, e nunca se expõdo á critica, á apreciação mais ou menos justa dos censors de trabalho alheio e que tantas vezes não chegam a patentear nem as suas forças, nem o seu valor.

Foi em 1870 que Batalha Reis publicou o primeiro trabalho completo sobre o *Enxofre e o vinho*, obra que tornou methodica a applicação do gaz sulphuroso aos vinhos, dando-lhes condições de conservação e permittindo-lhes a sahida para o Brazil sem a *aguardentação*, então exclusivamente usada, e que não permittia a exportação dos *vinhos verdes*, por lhe tirar a sua mais bella característica, o fraco grau alcoolico.

Depois as cidades do Porto, Braga, Guimarães e a Regua ouviram a sua voz, e em repetidas conferencias tornava mais pratica a sulfuração dos vinhos e fazia conhecido um interessante aparelho sulfurador de sua invenção, hoje empregado em todo o paiz. N'esse mesmo anno, em 1871, publicava no *Jornal do Porto*, o primeiro artigo sobre o *phylloxera*, verdadeiro brado de alarme, que se tivesse sido logo ouvido, teria evitado talvez, a terrivel crise que a perda dos nossos artigos mercados de exportação, produziu no paiz.

A sua individualidade agricola accentuava-se dia a dia, o seu conhecimento do paiz, recomendava-o aos lavradores que procuravam amido consultal-o sobre os aperfeiçoamentos a introduzir na sua lavoura, e por todos reconhecida a sua especial competencia, era em 1872 enviado á Exposição Internacional de Lyon, como delegado de Portugal.

O seu trabalho em Lyon foi consideravel; a vinificação e o material vinario já em plena phase de transformação em França, serviram-lhe de objecto de um estudo serio, e pelas relações que travou n'essa bella cidade franceza, lançou as bases da nossa exportação de vinhos para França.

Em 1873 deu á estampa o seu bello livro o *Vinho e a Vinha*, que alcançou enorme successo, servindo de guia para a reforma do antigo mate-

rial vinario. Em 1874 publica no Porto, em collaboração com o distincto publicista Oliveira Junior, o *Campo e o Jardim*, e acompanha o mallogado chimico Antonio Augusto de Aguiar á Exposição Internacional de Londres, na qualidade de delegado tecnico de Portugal.

Mas a actividade e o talento de produzir de Antonio Batalha é tal que nos obriga a referir anno a anno os seus principaes trabalhos: Assim teem-o em 1875 occupado a organizar a exportação de Cognacs e vinhos especiaes para o Brazil; em 1876 vae para França estudar a questão *phylloxerica*, publicando logo no anno immediato, 1877, um brilhante relatorio em que com uma lucidez de espirito bem rara, previo o exito das videiras americanas como o unico salvaterio dos vinhedos europeus. Este relatorio intitulado o *Phylloxera em 1876*, é um bello trabalho, que ainda hoje se lê com encanto, e acha-se repleto de preciosos ensinamentos.

Em 1878 é chamado para a commissão anti-*phylloxera* do Norte, e inaugura no *Commercio do Porto* uma notavel serie de artigos sobre a regeneração das vinhas.

Propagandista infatigavel, não podia limitar os seus escriptos a artigos dispersos em diferentes jornaes, fundou por isso, em 1879, a *Gazeta dos Lavradores*, em que trabalharam tambem o visconde de Caride e D. José de Saldanha e que se publicou até 1885, sempre cheia de preciosas lições e notaveis monographias e artigos sobre os mais difficeis problemas agricolas.

Em 1880 representou Portugal no Congresso Internacional de Saragoça e foi secretario do congresso Viticola realizado no Porto.

Em 1881 publica os *Fastos da Real Associação Central da Agricultura Portugueza* e é nomeado socio de merito d'essa importante aggronomia.

Em 1882 é nomeado secretario da commissão anti-*phylloxerica* do Sul e encarregado de proceder á classificacão geral dos vinhos de Portugal, e organiza tambem a pedido do finado monarcha D. Luiz, o estabelecimento dos Viveiros de Cepas Americanas nas Reaes propriedades da casa de Bragança e casa Real.

Em 1883, sendo procurador á Junta Geral do Districto de Lisboa foi o primeiro iniciador da Exposição Agricola que no anno seguinte se realisava na Tapada da Ajuda, em Lisboa, trabalhando n'esse brilhante certamen como secretario geral da Commissão Executiva.

O anno de 1885 representa porem uma era triste para os fastos da nossa agricultura e para Antonio Batalha, pois esteve ás portas da morte em consequencia de uma queda desastrosa que deu, regressando da Quinta do Mello em Torres Novas, onde tinha ido n'uma commissão de serviço publico.

Este desastre, abalando-lhe profundamente a saude conservou-o afastado do trabalho activo até 1887 em que é nomeado director da Escola pratica de Viticultura e Oenologia de Torres Vedras, trabalhando na sua installação e desenvolvimento, até 1890 em que uma nova commissão de serviço o levou á França e Italia a estudar os *hybridos americanos* e as Escolas Agricolas.

N'esse anno recebeu Batalha Reis uma enorme distincção, na sua estada em França, pois foi convidado por Mr. Meline, notavel estadista francez e ministro da Agricultura, para fazer parte da Commissão Internacional de Agricultura.

Em 1891 desenvolve a questão *phylloxerica* e o emprego de leveduras seleccionadas em notaveis conferencias que realisou em Lisboa, Porto e Vizeu, publicando em 1892 o seu notavel relatorio sobre *hybridos americanos*, apreciado justamente em todo o paiz e no estrangeiro, merecendo a mr. Pulliat, o notavel professor francez de viticultura, ha pouco fallecido, os maiores elogios, publicados n'um extenso artigo critico na revista franceza *«Vigne americaine»* de janeiro de 1893.

N'esse anno encetou a publicação de revistas mensaes sobre questões agricolas, no *«Commercio do Porto»* trabalho que ainda hoje desempenha com o maior talento.

Em 1893 publicou um precioso estudo sobre o *Mildew*; e em 1894 escreve o *«Manual de Viticultura a que chamou o Vinho do Porto»*.

Em 1895 trabalhou no Congresso Viticola de Lisboa sendo relator de uma das secções vinicolas.

Em 1896 entra para a redacção effectiva do *«Archivo Rural»* que alargou o quadro dos seus estudos propondo-se a continuar as tradições da *Gazeta dos Lavradores*, que Antonio Batalha fundara em 1879 e cuja publicação havia sido suspensa em 1885. Ao mesmo tempo escreveu um folheto de propaganda intitulado o *gesto e sua utilidade e emprego* e dirigio os trabalhos de vi-

nificação do Syndicato agrícola de Guimarães, iniciando ali um importante e serio estudo sobre os vinhos verdes.

No anno corrente nada diminuiu a sua actividade e iniciava pois o verno fundando a *Cortilha Rural*, folha popular de propaganda agrícola, custando apenas 20 réis cada numero, e trabalha n'um novo livro *A Vinha Moderna*, que talvez ainda este anno seja dado á estampa. Ao mesmo tempo é nomeado director tecnico da Adega Social de Vianna do Alentejo, trabalhando immenso para a organização d'esta officina de modo que já na proxima vindima possa funcionar, não abandonando os lavradores que todos os annos o consultam, nem a colaboração em diferentes jornaes, tendo-lhe sido offerecido ha algumas semanas a direcção da secção de agricultura do diário *O Seculo*, tendo já tido o prazer de ler as suas primeiras chronicas mensaes.

O «Jornal official de agricultura, o «Agricultor do Norte», o «Jornal de Horticultura do Porto», «A Vinha Portuguesa», e o «Portugal Agrícola» e os diários «O Commercio de Portugal», «Diário de Noticias», «Patrias», «Novidades» e outros tem visto muitas vezes os seus escriptos.

Foi tambem durante largos annos correspondente em Portugal do importante hebdomadario vinicola francez. «Le Moniteur Vinicole» contribuindo assim tambem, para o alargamento da exportação dos nossos vinhos para França.

Este rapido apanhado de factos dá uma pallida idéa, apenas, do talento, actividade e capacidade productiva de Antonio Batalha Reis; o paiz deve-lhe importantissimos serviços e a classe agronomica tem tido n'ellé o mais activo propagandista, pois só elle tem o talento de fazer ver a toda a gente, quanto vale o estudo e a applicação de conhecimentos especiaes no aperfeçoamento e riqueza da nossa agricultura.

Trinta e quatro annos de vida laboriosa, sempre trabalhando, sempre pensando, não tem esgotado a rara actividade e fecundissimo talento de Antonio Batalha Reis, que todos os dias encontramos na sua faina, e, para honra e gloria do paiz desejamos e fazemos fervorosos votos para que durante outros tantos annos o tenhamos entre nós, não para trabalhar como até hoje, mas para, justamente apreciado, gozar o incomparavel prazer, de ver fructificar o seu trabalho e valiosos ensinamentos.

Perdoe-nos o nosso bom amigo se n'este esboço biographico ferimos a sua modestia, desenvolvendo um tão largo quadro de trabalho, mas para nós estas linhas não são quasi nada para a biographia, pois nos calamos sobre as suas nobres qualidades de caracter, de paiz e de amigo.

Lisboa, julho de 1897.

Amando de Seabra.



AS NOSSAS GRAVURAS

A VILLA DE TORRES VEDRAS

A nossa estampa de paginas 212 representa a antiquissima villa de Torres Vedras, povoação construida n'um formoso valle, bem cultivado e fertil.

Celebre pelas suas formidaveis linhas defensivas de Lisboa, que tolheram o passo do invasor Massena, é esta villa igualmente notavel por muitos outros titulos.

Situada na provincia da Extremadura, é sede de concelho e de comarca, districto de Lisboa. Tem quatro freguezias e são ellas: Santa Maria do Castello, S. Miguel, S. Pedro e S. Thiago, com cerca de 62000 almas.

Quanto á sua antiguidade, nada se pode fixar, sabendo-se que já no tempo dos romanos ali existia uma povoação de certa importancia, mas cujo nome, então usado, se ignora.

Os godos tel-a-hiam denominado *Turres Veteras*, Torres Velhas, para livrar de confusão com Torres Novas.

Torres Vedras foi cercada de muralhas, das quaes ainda se conhecem alguns vestigios, conservando, posto que em extremo arruinado, o seu velho castello, obra dos godos, demorando n'um monte isolado, por cuja encosta descem algumas casas da villa.

Em 1148, D. Affonso Henriques tomou Torres Vedras aos mouros. D. Affonso III deu-lhe foral em 1228, que foi reformado em 1510 por D. Manuel.

Em Torres Vedras residiram muitas vezes alguns monarchas, e entre elles D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando e D. João I, que ali reuniu cortes para tratar da conquista de Ceuta. Aqui nasceu a infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, que esposou Frederico III, imperador da Alemanha.

No antigo regimen tinha esta villa assento em cortes, no setimo banco.

Entre os monumentos de Torres Vedras merecem indicação especial o chafariz chamado dos Canos e o aqueducto sobre arcos e subterraneo que abastece a povoação.

Ha tambem n'esta villa, misericordia, hospital, escolas de ambos os sexos, club, praça de toiros, etc.

O justo apreço que o vinho de Torres merece, já no consumo interno, já no de embarque, e o facto de haver nascido no termo d'esta villa o illustre vinicultor, sr. Antonio Batalha Reis, de quem em lugar de honra publicamos o retrato, e penna esclarecida traça o merecido elogio, levounos a estampar n'este numero do nosso periodico a vista geral da aprazivel villa.

UM CIGANO

O immortal Goya retratou admiravelmente este singular typo do cigano, entre nós tão conhecido como alquillador emerito. Egualmente o aguarelista seu compatriota Aranda, desenhou em Sevilha o magnifico cartão que a nossa estampa reproduz.

O typo apresentado n'esse desenho tem toda a virilidade da sua raça, a figura bamboeante e desordeira da sua condição.

Lenço em volta da cabeça, largo chapéo de aba grande em ar de resplendor, jaqueta de canhões abertos, cinta alta de cor viva, calças de alcapão, tudo indica o cigano esse typo especial que nas feiras tanto se evidencia com o seu commercio sempre rendoso e raras vezes licito.

NA IBERIA

(711-1492)

Ha na historia da peninsula iberica, a partir da invasão arabe no seculo viii, tres periodos perfectamente definidos pelo caracter peculiar a cada um d'elles: luctas contra os sectarios do propheta do islamismo, nascimento de Portugal, nascimento da Hespanha.

Os godos cahiram vencidos no campo de batalha de Guadalete em 711, a bulla de Alexandre III sancionou o titulo de rei, conferido a D. Affonso Henriques pelo tratado de Samora, e a sahida do ultimo principe mouro de Granada, desaffrontou enfim os monarchas catholicos Fernando e Isabel.

No largo periodo de tempo, decorrido desde a victoria de Taric até 1492, muitos foram os estados que se partilharam entre si o solo da Iberia, e alternadas as glorias dos soldados do Alcorão e dos soldados da Cruz.

Pelagio, refugiando-se nas montanhas das Asturias, soltou o primeiro grito de independencia que só perto de oito seculos depois se tornaria objectiva realidade.

Na bandeira d'este heroe aclamado pelos seus companheiros leaes, luzia na alvorada d'um primeiro triumpho a divisa de separação profunda entre os povos contendores, e os veus mysteriosos do tempo pareciam querer revelar os destinos brilhantes do futuro aquelle que fosse o ultimo vencedor.

Não deve olvidar-se o retiro de Covadonga, nome venturoso a que anda associado o não menos insigne nome de Pelagio.

Se o valente campeão das Asturias, não tivesse tido n'aquelle momento critico a comprehensão feliz de toda a gravidade dos acontecimentos, e não fosse movido pelos impulsos sublimes de rara coragem, certamente os invasores teriam consolidado a sua conquista recente e o estandarte agareno fluctuaria talvez ainda hoje nas ameias dos castellos dos vencidos.

Quaesquer porém, que tivessem sido os consequencias do desanimo absoluto e da invasão totalmente consummada, a Europa, sem duvida o podemos affirmar, estaria muito longe ainda da civilização pujante que ostenta, e bem difficil se-

não impossivel, seria agora descobrir nas terras continentaes dos nossos berços, os vestigios da passagem dos nossos antepassados, e recolher pela tradição dos seculos a herança dos bons exemplos que legaram.

E' verdade que não devemos asseverar n'um tom propheticamente que sem o vulto gigante de Pelagio, nós permaneceriamos irremediavelmente n'uma situação lastimosa de degradação moral e de dependencia profunda, mas não é menos incontestavel e verdadeiro que foi elle quem deu inicio á reacção legitima e alcançou o primeiro triumpho na reconquista.

Os godos, na hora fatal em que as tropas mahometanas foram mandadas por Muza, delegado do califa na Africa, á empreza de se apoderarem das terras fronteiras, na extremidade occidental da Europa, não possuíam a forte organização d'um estado bem governado e havia luctas intimas no seu modo de ser social bastante degenerado.

O clero exercia um papel dominador, nem sempre orientado pelos melhores principios de justiça e concordia; não era raro vê-lo intrometido nas questões de politica geral e até nos casos particulares de interesse domestico.

Não é erro historico declarar que o clero conseguira empolgar todos os poderes, e dispunha a seu talento das pessoas e das cousas.

Rodrigo, ao favor d'um movimento revolucionario, desthronara a familia reinante e cingira em seu lugar a corôa desejada.

Como é natural, estes actos de violencia crearão inimidades profundas, odios surdos e implacaveis, que foram outras tantas circumstancias propicias á fortuna dos arabes.

Deve dizer-se em abono da verdade que, Rodrigo, embora todos os vicios que lhe assacam, e todas as accusações fundamentadas á sua memoria, portou-se muito bem na batalha de Guadalete, acção decisiva para o imperio godo justamente memorada nas paginas da historia.

O logar-tenente de Muza houve-se por seu lado com a maior coragem e a maxima valentia, sabendo igualmente incutir no animo dos seus soldados todo o ardor guerreiro que o animava e o convencimento de que toda a tibieza na lucta era morte certa e vergonha eterna.

Com general da estatura de Taric e tropas entusiasmadas pelas promessas contidas no Alcorão, não podia nutrir-se a mais leve idéa de combinações pacificas, e era forçoso desenvolver no combate a energia do desespero.

Foi assim que se fez no anno 711, n'aquella grande batalha de tres dias, onde encontrou sepulchro a melhor gente d'uma nação secular, e triumphou um exercito menos numeroso, mas fanatisado no esforço pela disciplina da sua lei religiosa, a qual mostrava ao arabe morto no campo da guerra as delicias ineffaveis do Paraizo.

Depois de victoria tão assignalada proseguiram os invasores na sua marcha para a frente, e entraram pouco a pouco na sua posse todas as povoações do paiz á excepção das Asturias.

Pelagio encetou a resistencia no combate glorioso de Cangas de Onís, sendo aclamado no valle de Covadonga no anno de 718.

Os pyreneus não serviram de barreira aos arabes, os quaes os atravessaram e espalharam o terror do seu nome pelas regiões d'alem.

Na lucta porém, enpenhada na nossa peninsula, surgiu o seculo xi, e com elle accentuou-se por maneira evidente o periodo de decadencia para as armas islamicas.

N'este tempo, alguns francezes illustres, tinham vindo da sua patria, prestar serviços na cruzada contra os infiéis, ao rei Affonso VI de Castella e Leão.

Distinguia-se entre elles, Henrique, descendente dos principes reinantes, da casa de Borgonha, ao qual Affonso VI creou conde Portugalense e deu a mão de sua filha Thereza ou Tareja.

Corria então o anno de 1095, e bem podemos datar d'ali o nascimento de Portugal.

O conde Henrique transmittiu a seu filho Affonso a herança gloriosa do territorio e o cuidado de manter com honra o lustre do seu nome e o timbre da dignidade propria.

Este principe ficou de tenra idade, quando teve logar o fallecimento de seu paiz; mas, se foi para elle grande falta a ausencia de amizade tão insubstituivel e de amparo tão solido e vigoroso, encontrou de sobejo qualidades eminentes, affectos e carinhos na pessoa de Egas Moniz, aio que lhe escolhera a vontade do defuncto, e em cujo caracter nobilissimo havia toda a austeridade cavalheiresa aliada a toda a altivez d'um bom.

Cresceu Affonso Henriques, robustecendo-lhe o organismo ao calor da direcção salutar de Egas,

e medrando-lhe as virtudes naturaes ao conselho acertado e judicioso do mentor sabio de experiencia.

Discipulo e mestre votavam-se amor terno e sincero; dir-se-hiam duas almas fundidas n'um só pensamento; consagrar a memoria de Henrique, e estimuladas por um ideal commum, a aspiração da patria.

Não se contentava Affonso Henriques com a sua posição secundaria, e nem o titulo de duque ou o de príncipe eram bastante á satisfação dos sonhos architectados na sua phantasia juvenil.

Indole apaixonada e ambição ardente, convinha de molde ás faculdades do seu espirito o theatro arriscado das batalhas, onde ficaria impressa a sua passagem por actos de bravura e rasgos de gentileza.

Uma vez empenhado na lucta, apenas a morte

de autonomia, diversos estados permaneciam no resto do territorio, e pairava em Granada como nuvem sombria o signal do propheta da Arabia.

Sucedeu porém, que o casamento do herdeiro da corôa de Aragão com a princeza herdeira da corôa de Castella annunciou aos mouros d'aquelle ultimo reducto a hora proxima do seu occaso final.

Fernando e Isabel, sua esposa, lograram transformar Granada em habitação real do seu triumpho; e em vez do estandarte lugubre que tinha sido victorioso em Guadalete viram tremular nas muralhas da cidade a bandeira veneranda dos christãos.

Estava terminada uma das luctas porfiadissimas na historia das invasões celebres; desenrolára-se em scenas gigantescas, no colorido tragico todo um drama de concepção genial e de ni-

de, e é n'este pedestal granitico que transluzem inextinguiveis as licções severas da Historia.

D. Francisco de Noronha.

ROMANOS A MEZA

(Concluido do numero anterior)

E sabido que, ainda em nossos dias, não somente italianos e francezes mas tambem outros povos de raça latina, consideram a hora de jantar como a mais aprazivel do dia, e que se esta refeição representa para elles um meio de alimentarem o physico, a não apreciam menos como agradável diversão espirital e a prolongam



VILLA DE TORRES VEDRAS

(Copia de uma photographia)

conseguiu dar-lhe repouso forçado no segredo do tumulo.

Ao baixar porém, á sepultura, legava á posteridade um facto consummado:—o reino de Portugal, e um exemplo perduravel, o espelho das suas façanhas.

Affonso VII de Castella celebrára com elle o tratado de Samora em 1143, reconhecendo-o soberano portuguez, e a bulla de Alexandre III, em 1179, sancionára consignando-a a designação de «rex».

Restava guardar com brio o solo herdado, e porventura accrescental-o na perfeita unidade nacional.

Coube a Affonso III, rematar com a expulsão dos mouros do Algarve a obra iniciada pelos monarchas seus antecessores, consolidando o arredondamento da patria nas estremas que a limitam no seu cumprimento maximo.

A pacificação total da península não era ainda comtudo uma realidade palpavel.

Se Portugal, usufruia as legitimas regalias de representação official no mundo das nações, e ostentava os fóros inherentes aos seus direitos

tida belleza; do oceano alteroso e indomavel que havia inundado com ondas colossaes a superficie quasi inteira d'uma península da Europa, apenas ficara uma vaga pequena, que o vento da fortuna apagou rapido, com a mesma facilidade que tem a brisa de impregnar-se do aroma d'uma rosa e de leval-o para longe.

Não carecem os homens de pedir ás phantasias da imaginação, assumpto adequado ao ideal que os inspira na criação artistica ou na fórma philosophica; fornecem lh'o de sobra os quadros historicos na existencia dos povos, em cuja periphéria assomam feições typicas e particularidades psychologicas, perfeitamente inconfundiveis e amplamente authenticas.

Deve o ser racional tentar apenas como facultativo cauteloso e prudente, applicar-se á auscultação intelligente na evolução social dos individuos e das classes, notar as diversas fases da civilização, estudar quanto possivel as convulsões inesperadas e os graves abalos, para assim, com plena consciencia das responsabilidades, formular leis e estabelecer principios.

Vae n'isto a conveniencia moral da humanida-

com alegres e animadas conversações, permutação de amabilidades e ditos espirituosos, brindes e saudes com vinhos especiaes, mantendo assim, em parte, a tradição dos antigos romanos, aos quaes a ceia servia de pretexto para um sem numero de diversões e praticas festivas, que vieram assumir, nos ultimos tempos do imperio, proporções extraordinarias.

Entre os povos de raça germanica, o jantar, que aliás corresponde á ceia dos romanos, ficou sendo, e o é ainda hoje em quasi todo o norte da Europa, apenas uma refeição intermedia, que divide ao meio o dia de trabalho, muito mais singela, e como tal, lhe dispensam apenas o tempo indispensavel para a ingestão dos alimentos. Pouco ou nada conversam durante o jantar, cuja duração maxima é de meia hora, e apenas acaba a sobrezeza, elles ahi vão, apressados, continuar na faina de suas varias occupações.

O romano, pelo contrario, gostava de comêr em socêgo, e entregava se depois com delicia ao descanso, conscio de ter liquidado as tarefas e as preocupações todas do dia decorrido.

Ligava, pois, a maxima importancia ao arranjo



UM CIGANO — DESENHO DE ARANDA

e nos adornos da meza; gostava de ter comensales; os proprios burguezes e mechanicos, cuja bolsa não comportava as dissipações fabulosas dos Gaviões Apícios ou dos Lucios Luculos, dispensaria tudo o mais, excepto ter flores sobre a meza do seu triclinio, e as indispensaveis peças de baixela, relativamente luxuosa. E como a ceia era indefinidamente prolongada mediante conversações de toda a especie, em que eram discutidos os casos mais interessantes, as questões pendentes, desde as decisões do Senado até aos lances das corridas do hypodromo e o exito das pantomimas, não era raro permanecerem à meza, em ceias aliás modestas, duas até tres horas. Para maior commodidade e repouso, comiam deitados; em vez de cadeiras, como nós hoje as usamos, mobilavam as suas salas de jantar, o aposento mais vasto, importante e sumptuoso da casa, com leitos ou cãtes, sobre cujos colchões e almofadas jaziam reclinados durante a refeição. Era ali, n'aquella especie de terrêno neutro, que os interesses de toda a casta se discutiam, a vontade e sem restricção qualquer que fosse; e onde se commentavam, com malicia, quantas vezes viperina, os escandalos e os ridiculos, recopilados pelos mexiriqueiros parasitas, nas suas ociosas romarias, pelas ruas populosas, pelos templos e basilicas, pelas estancias de livreiros e barbeiros.

Em ceias patricias que, por mais opiparas ou festivas, assumiam tanta vez as proporções de banquete, ou melhor diriamos, de bacchanias e orgias, os intervalos entre os diversos pratos servidos eram alegrados por concertos instrumentaes e voçaes, dansas, entremezes e pantomimas, representados pelos mais reputados hystriones e mimicos. Entre outros requintes do luxo e da devassidão a que attingiram os costumes, e aos quaes ministravam amplo contingente as orgias nocturnas em que resultava a ceia — não raro, entre o bardo do Oceano e a cabeça de javali que constituíam o principal da segunda entrada ou serviço, os escravos introduziam no recinto uma turma de gladiadores, e estes, para estímulo do apetite dos comensales, retalhavam os membros e fodião os cerebros uns dos outros, — sem que entrassem em linha de conta outros excessosinhos mais innocentes.

A ceia, ainda mesmo entre a gente de viver comensinho, era dividida em tres cobertas: a entrada; (*gustus*) os pratos de resistencia; (*fercula*) e a sobremeza, (*mensa tertia*).

O serviço da entrada correspondia aos *hors-d'œuvre* da meza franceza; era constituído por aperitivos, destinados a estimular o apetite dos convivas, para os pratos mais substanciaes. Esta segunda cobertura, posteriormente, e à medida que o luxo, a ostentação e a decadencia dos costumes foram ganhando incremento, assumiu proporções estupendas.

O primeiro serviço, ou entrada, consistia em ovos, mariscos, caranguejos, lagosta e outros crustaceos, anchovas e mais peixe meudo, acompanhados de varios molhos fortemente adubados, do garum (kaviar de athum) e diversas verduras, ou saladas, que os comensales temperavam na meza e, em dados casos, comiam polvilhando-as apenas de sal.

Esta introdução à ceia, era, por assim dizer, apenas a repetição um tanto abreviada do prandium ou jantar.

A ceia bebião, de preferencia a geropiga ou vinho adubado, e vinhos fortes, que até certo ponto corresponderiam ao Xerês, Madeira e Porto e outros vinhos generosos.

A cobertura de resistencia, a *fercula*, era composta de duas entradas, pelo menos, e mais geralmente, de tres; nas mezas opulentas, de dez, quinze, vinte e mesmo mais. Consistiam estas de peixe graúdo, aves domesticas e caça de toda a especie. Já lá ia bem longe, como vêem, a frugalidade vegetariana dos avoengos.

Figurava quasi sempre, como peça capital, a cabeça de javali, que os escravos auxiliares do cosinheiro traziam em grande estadão e sempre pictorescamente adornada, usança imitada pelos romanos dos barbaros das regiões por elles conquistadas, e que se repetiu durante a Edade média, nos brodios e festas dos castellãos feudaes.

Na lista da sobremeza avultava a *vellaria*: pastellaria fina, e os indispensaveis quanto afamados bolos ou tortas piceninas; — fructas passadas e em estado natural — maçãs, pêras de Signia, figos, uvas, ameixas, etc.

Restam noticias de alguns *menús* d'essa época, de entre os quaes escolhemos dois; mais opiparo e requintado o primeiro, foi elaborado por occasião de um banquete commemorativo do advento de Lentulo Niger ao pontificado, e que era composto das seguintes iguarias:

POESIAS DIVERSAS

AMARGURA ¹

Triste o dia me parece,
Triste o susurro do vento,
Como choroso lamento
De funeraria canção;
Até mesmo o sol brilhante,
Que dá vida à natureza,
Me infunde acerba tristeza,
Me comprime o coração.

É que a tudo quanto vejo
Presto a côr da minha sorte;
É que o negro véo da morte
Me faz ver o mundo assim;
É que já não tenho aquella
Que os meus passos me guiava,
Por quem eu só respirava,
Que só vivia por mim!

A UMA JANELLA ²

Cada vez que meus olhos em ti ponho,
Em ti que a luz da vida me trouxeste,
Cara moldura de visão celeste,
Principio, aurora do meu breve sonho,

Tão fiel na memoria recomponho
Aquelle quadro, tal magia o veste,
Que julgo ainda que o momento é este,
Qu'inda encostada a ti eu a supponho.

Era do mez de Junho a quadra bella,
Alto já ia o sol, quando brilhante,
Como em céu puro, em ti a minha estrella

Rajou, envolta em coma roçagante,
Vê se te hei de estimar, ou não, janella!
Vê se me lepro ou não d'aquelle instante!

¹ *Cambiantes, poesias de Ramos-Coelho, pag. 153.*

² *Cambiantes, poesias de Ramos-Coelho, pag. 167.*



1.^o

Entrada

Ouriços do mar — Ostras cruas — Mexilhões —
Agrhões e selcas — Tordos — Galinha recheada,
com espargos — Ostras guizadas — Tulipas do
mar, brancas e pretas — Mexilhões em calda de
mel — Ortigas do mar — Narsejas enfeitadas com
figos — Pernis, de javardo e de cabrito montez —
Gallinha panada — Caracões servidos em conchas
de purpurite.

2.^o

Segunda cobertura

Uhre de porca-brava, cosido — Guizado de javali —
Cabeça de javali, assada — Filétes de pato
bravo — Fricassé de pato bravo — Lebre — Galinhas
da Phrygia — Assados.

3.^o

Sobre meza

Pudim de especiarias — Tortas a picentina
Pasteis — Fructas diversas

Este outro que a seguir transcrevemos, é o de
uma ceia dos dias ordinarios.

Entrada

1.^o

Malvas — Alface — Cebolinho e outras ervas,
temperadas com gordura — Arruda — Peixe sal-

AMAREZZA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Triste omai mi sembra il giorno,
Triste il sussurrar del vento,
Come il flebile lamento
D'una funebre canzon;
Anche il sole, il sol fulgente,
Che dà vita alla natura,
Con tristezza mi tortura
E al mio cor causa oppression.

Perchè ciò? Perchè al creato
Dò il color che ha la mia sorte;
Perchè il vel nero di morte
Costi a me apparir lo fé;
Perchè io sono orbo di quella
Che i miei passi ognor guidava,
Per cui solo io respirava,
Che vivea solo per me.

Genova, Giugno 6, 1897.

AD UNA FINESTRA

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Ogni volta che te riguardo fiso,
Te che di vita il lume a me traeste,¹
Cornice amata di vision celeste,
Alba d'un sogno bel di paradiso,

Si ben si pinge in mia memoria un viso
In questo quadro, e tal magia lo veste,
Che perfin stimo che le ore son queste
In che su te appoggiata io la ravviso.

Era di Giugno la stagione bella,
Presso al meriggio il sol, quando brillante
In te, come in ciel puro, la mia stella

Spuntò, cinta di chioma lussuriante,
Vedi or, finestra, se alto in me favella,
La tua stima, e mi scordo quell'istante!

Genova 24 Giugno 1897.

¹ Em vez de *traesti*, licença poetica usada por varios auctores, do que ha exemplos no canto 32.^o do *Inferno*, de Dante.

Piangendo mi agrido: perchè mi peste?
Se tu non vieni a crescer la vendetta
Di mont'Aperti, perchè mi moleste?

gado com molho de arruda e rodas de ovos cosidos — Lombo de porco com molho de anchóvas.

2.^o

Segunda cobertura

Cabrito assado — Favas com olhos de repólho,
e couve flôr — Galinha assada — Presunto cosido,
frio.

3.^o

Sobre meza

Fructa

Uma que outra iguaria não deixará de certo de causar estranheza ao leitor de fino paladar, e fará mesmo torcer o nariz ao moderno gastrônomo; vimos, porém, que a nobre arte culinaria, em que pese ao amor proprio de Juan Montifó, de Vatel, de Souker, do João da Matta e outros reputados mestres cuços, não caminhou quanto presumir podíamos; tanto mais, que os dois *menús* por nos citados estão ainda longe de dar completa idéa d'essas espantosas comensales do Baixo-Imperio, orgias cujo requinte apresenta pormenores, hoje para nós pouco menos de inacreditaveis.

Pin-Sel.



CHRONICA DOS REIS DE BISNAGA

POR DAVID LOPES

O livro que, sob o titulo *Chronica dos Reis de Bisnaga*, acaba de ser publicado pela nobre commissão do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, faz parte das contribuições litterarias, com que a benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa celebra essa commemoração nacional, e é a reprodução de um manuscrito portuguez do seculo XVI, inédito, que se conserva sob o n.º 65 na Bibliotheca Nacional de Paris, d'onde o sr. David de Mello Lopes o copiou religiosamente.

Bastaria esse trabalho para grangear áquelle senhor os maiores elogios; porém os nossos louvores tem mais a distinguir uma bem elaborada introdução, em que o illustre auctor nos elucidá, com notavel clareza, evidenciando os seus muitos estudos ácerca de Bisnaga, e nos offerece muitas considerações dignas de apreço e ponderação.

Bisnaga foi um reino poderosissimo que se constituiu, segundo a opinião mais geral, nos meados do seculo XIV, com a fundação da cidade do mesmo nome, e foi durante dois seculos e meio o baluarte do hinduismo contra o islamismo. Bisnaga dominava toda a India meridional abaixo do Quistna e do Tungabadrá, á excepção da costa do Malabar, cujos pequenos reinos se subtrahiram ao seu dominio. E, embora fosse principalmente sertanejo, possuía sobre o mar das Indias uma consideravel extensão de costa, entre o reino do Idalcão, ao norte, e o de Cananor, ao sul. Na costa de Coromandel, o dominio costeiro era muito maior, porque se estendia do extremo sul até ao rio Godavari.

Durante dois seculos e meio, foi a barreira contra a qual se veio quebrar o poder islamico que senhoreava toda a India, ao norte do Quistna. Depois de tão longa e porfiada lucta, veio a succumbir em 1565, contra uma colligação dos soberanos mussulmanos do norte.

Da grandeza d'este reino e da sua elevada civilização dá ideia a gravura que representa um templo de Bisnaga. Não existe hoje apenas este bello monumento, muitos outros se erguem lá, attestando o grau subido a que chegou o poderoso reino indiano.

Em verdade, bem poucos eram os dados de que se podia dispor para a sua historia. Quanto a elementos internos limitam-se elles á epigraphia e á numismática. Não ha de Bisnaga, uma historia seguida e scripta pelos indigenas. Até hoje essa falta foi supprida quanto possível pelas informações ayulsas dos povos com os quaes estiveram em contacto.

Deram-nos noticias de Bisnaga os mussulmanos do norte e os povos europeus que lá foram, especialmente os italianos e os portuguezes.

Mas, apesar d'isso, é em extremo escasso o conhecimento que ha a seu respeito; não se podendo formar sequer uma lista exacta dos seus reis.

Na sua tão lucida quão erudita introdução, que occupa umas noventa paginas, o sr. David Lopes mostra a razão d'isto e cita os elementos com que esboça a historia de Bisnaga.

Eis as suas palavras:

«Mas o reino de Bisnaga, de que fallámos, viveu em condições diferentes das dos que o antecederam. Foi uma lucta constante contra os muçulmanos do norte que lhe não deixavam um momento quasi de distração, porque sobre serem seus inimigos de raça e de crença, procuravam nas gazizas que nelle faziam uma satisfação ao seu anseio de rapinagem, que em todos os tempos tanto os distinguia. Por outra parte, quasi a meio da sua vida nacional, descobriu-se o caminho maritimo da India pelo sul da Africa, e succedeu o apparecimento naquellas partes dos europeus. Ora, o contacto d'estes dois elementos e vizinhos é para os estudiosos de summa importancia, porque farão elles a sua historia á falta de historiadores indigenas. Serão esses, pois, os elementos de que nos soccorremos para esboçar a historia politica d'esse reino, ajudados da epigraphia d'esse periodo. É forçoso confessar, porém, que nem por isso podemos fazer uma historia completa de Bisnaga; quer os escriptores muçulmanos, quer portuguezes ou outros, só poderão apreciar aquelle grande imperio exteriormente; viam-no por assim dizer na penumbra, e sem duvida que nestas condições só deviam conhecer-lhe o esbatido do contorno. E assim é. Alguns nomes de reis, nome de cidades e de batalhas é quasi tudo o que nos dão; das luctas intestinas ou condições de vida nacional muito pouco; mas tudo é precioso na penuria de dados que possuímos. Para apreciarmos o seu adiantamento so-

cial estamos pelas mesmas causas reduzidos a inferencias, que um ou outro facto apontado nos permite fazer; mas das manifestações artisticas temos bastantes provas. Os monumentos architectonicos existentes em tão grande numero em Bisnaga, e sobretudo o de Vitoba, nos seus arredores, e em Tarpurtri, são documentos irrecusaveis d'um estado bastante apreciavel do desenvolvimento; e sem duvida que através d'elles podemos ver um estado de civilização e cultura dignas de consideração.»

Ora a chronica publicada por David Lopes, não só contem uma historia seguida e completa dos reis e factos mais notaveis de Bisnaga, como tambem nos dá uma descripção do paiz, seus usos, costumes, productos, monumentos, etc., e isto escripto por homens que lá estiveram no negocio tão lucrativo dos cavallos.

O sr. David Lopes determina o anno de 1525, para a composição da parte descriptiva d'esta chronica, e o de 1535 para a parte historica, sendo a primeira de Fernão Nunes e a segunda de Domingos Paes.

Deveras importantes são algumas das varias questões relativas ao assumpto, que o illustre professor examina na sua bem elaborada introdução; citemos a historia da peninsula dravídica até 1565, momento da destruição do reino de Bisnaga, de como os mussulmanos se assenhorearam da India, as suas luctas com aquelle reino, as relações entre Portugal e Bisnaga, a nossa influencia n'aquelle paiz e ainda outros pontos interessantes.

Onde porém o trabalho do sr. David Lopes sobe a maior importancia, é quando afirma e demonstra-o muito perfeitamente — no nosso entender — que João de Barros e Diogo do Couto são dois verdadeiros orientalistas.

Falle o luminoso auctor:

«O seculo XVI é em Portugal o de maior actividade politica e litteraria. Após um esforço contínuo e persistente ao longo da costa occidental da Africa, tinham os portuguezes passado o cabo Tormentório e aportado a Calecut. A vida nacional recebeu um forte abalo, e como que ao bafejo da aurora a litteratura floresceu exuberantemente. A sciencia historica apresenta-nos então magnificos exemplares; o quadro da sua acção alargara-se immensamente e os nossos chronicistas indianos souberam abrangê-lo. O que fazem elles ao historiarem as nossas luctas com aquellas gentes? É um mundo desconhecido; e elles procuram por todos os meios lançar ali luz, buscam informações entre esses povos, e se elles possuem livros que d'isso tratem. Seguem um bom processo; a proposito de cada acontecimento com os Indios ou outros elles dizem-nos em que circumstancias está o paiz, quem o domina, usos, costumes, antecedentes historicos; e e assim se faz luz no espirito do que procura nas cousas as suas causas; elles são os verdadeiros precursors dos orientalistas modernos, investigadores e concatenadores. Muitas vezes bebem nas fontes originaes, outras recorrem a interpretes; ha uma sofreguidão de saber n'elles que é tanto mais admiravel quantos os elementos de que se podia lançar não eram poucos.

«De dois sobretudo podemos nós afoutamente asseverar que foram orientalistas; d'elles podemos dizer que se não contentaram simplesmente com o que ouviram contar, mas que procuraram beber directamente na fonte, compulsando os documentos escriptos dos povos até onde chegou a acção portugueza desde a costa da Africa oriental até á China: Barros e Couto. Não é que elles sejam os unicos que manejam bem a sciencia historica, ou que só elles saibam interrogar e interpretar os livros orientaes, porque outros effectivamente n'este seculo lhes levam a palma ou podem competir com elles. Damião de Goes sobreleva-os sem duvida no senso critico e philosophico; Garcia da Orta, além de um naturalista distinctissimo, conviveo longamente com os principes indianos, muçulmanos e gentios. Comtudo Barros e Couto merecem uma menção especial porque contribuíram fortemente para o esclarecimento da historia politica d'esses povos. Os nossos viajantes dos seculos XVI e XVII são notaveis pelas informações que colheram dos paizes que atreversaram, mas são menos amplos os seus horizontes, e raramente ha nelles o conhecimento retrospectivo e documental que caracteriza Barros e Couto. Aquelles dão-nos preciosas informações do estado presente d'esses paizes; mas Barros e Couto procuram o que no passado pôde explicar o presente valendo-se dos dados oraes ou escriptos que podem haver dos naturaes. Esse é tambem o dever do seu processo, mas não deixa de ser para notar e louvar quando se trata d'um mundo que estava por revelar. Barros é mais

estylista, mais artista e mais jactancioso do que Couto; mas este é talvez mais analysador e profundo, e tem sem duvida a vantagem de ter vivido no loco dos acontecimentos e do paiz que descreve; é mais chão, mas com isso se apraz á verdade e severidade da historia, porque o brilho da phrase desvirtua por vezes os factos.

«Não é difficil provar a affirmação de que estes dois chronicistas são verdadeiros orientalistas; abramos as suas Decadas e ali encontraremos quanto baste para isso; são elles proprios que n'lo dizem.»

E David Lopes prosegue ajuntando tantas provas tiradas das obras dos insignes auctores para confirmar a sua these, que não podemos deixar de acceitar-lhe a conclusão. Vae n'isto o seu maior triumpho, e a historia litteraria portugueza não terá já que hesitar em conferir a Barros e a Couto a classificação erudita de orientalistas.

O auctor manifesta ainda a opinião de que esta chronica foi até mandada compilar por João de Barros, que d'ella tirou tudo quanto diz ácerca de Bisnaga.

Escreve assim:

«Isto conduz-nos naturalmente a fallar da chronica de Bisnaga, que damos adiante. As considerações que temos feito eram mesmo necessarias para a affirmação que vamos fazer, e vem a ser que esta chronica foi mandada compilar para João de Barros e que ella foi a fonte das informações historicas que dá ácerca de Bisnaga.

«O ms. não traz indicação explicita a tal respeito, nem tráz nome de auctor, só o titulo da obra; mas o catalogo dá-o como do seculo XVI, e por outro lado a chronica termina no principio do reinado de Achetario, que sabemos ter reinado desde 1530 a 1542; não julgamos por isso estar longe da verdade affirmando que ella deve ter sido composta em 1533, pouco mais ou menos. Ora as tres decadas publicadas em vida de Barros foram-no respectivamente em 1552, 1553 e 1563, sendo neste que tal informação é mais evidente, e por consequencia chronologicamente a nossa affirmação é muito plausivel. Creemos pois que a pessoa a que se refere o escrevente a p. 60, «Beijo as mãos a vossa merce», e p. 80, «E porque eu estive de assento nesta cidade conveyo-me pois que era necessario fazer o que me manda vossa merce, buscar homes que forão a Bisnaga», é o proprio João de Barros. As provas que adduzimos são as seguintes, para confirmar esta nossa asserção:

«Barros não faz allusão á nossa chronica, só diz que algumas informações que dá foram obtidas dos officiaes da fazenda d'aquelle reino; nada dizendo, a não ser que seja a mesma, ácerca da origem das noticias minuciosas que dá a historia das lutas de Crisnarão com o Idalcão. Ora a comparação d'essas suas narrações, com a chronica de Bisnaga, não deixa nenhuma duvida de que Barros se serviu d'ella. Poderia ainda dizer-se que a concordancia dos successos nada mais provaria, — visto que Barros não dá a historia dos reis de Bisnaga, mas só dos acontecimentos contemporaneos dos que se passavam na costa comtudo, — do que a authenticidade dos factos ou a concordancia das duas fontes; porém tal restricção não, porque até em numerosos algarismos a identidade apparece, e a copia ali é evidente.»

Ora sommando todas as preciosas informações que o sr. David Lopes nos offerece na sua magnifica introdução, e ajuntando-lhe o alto valor da chronica que desveladamente publicou, resulta para o seu trabalho um tão lisongeiro conceito, que nos obriga a prestar-lhe a nossa sincera homenagem e a manifestar-lhe por esta forma o subido apreço em que sempre teremos *A Chronica dos Reis de Bisnaga*.

Esteves Pereira.



Recebemos e agradecemos:

A decoração na construção civil. — N.º 1 — Arte de dourar — 2.ª edição, por Francisco Liberato Telles de Castro da Silva. — Lisboa — 1897.

Por gentil offerta do nosso amigo e illustre auctor, recebemos este apreciavel livro, o primeiro da collecção respectiva, cuja publicação, com tão lisongeiro exito, iniciou o sr. Liberato Telles. Livro tecnico e historico, é de veras elucidativo para todos. Operarios e artistas encontram n'este livro as noções indispensaveis ao exercicio

da arte de dourar, muito bem dispostas e coordenadas. A parte historica contem noticias curiosas e interessantes.

Aos artistas douradores citados n'essas notas, póde hoje acrescentar-se o nome de João Moreira que, em 1598, inventou um aparelho com o qual se podiam dourar facilmente quaesquer vasos de prata e bronze; e dos douradores acorianos Manuel Antonio Vasconcellos e João Alvaro Peixoto que nos principios d'este seculo competiram com os notaveis douradores examinados em Paris, Carlos Sala, seu filho e sobrinho, que alli foram.

A nossa historia industrial está ainda no seu periodo de formação. E' pois, pela sua verdadeira utilidade que os trabalhos d'esse genero se destacam. Entre elles terá sempre logar honroso a *Arte de Dourar*, como elemento e documento.

Allocução proferida pelo bispo de Coimbra, no 25.º anniversario da sua sagração episcopal — Coimbra — Typographia do Seminario — 1897.

N'esta oração brilhante, revela-se a modestia agradecida do illustre prelado, pelas saudações que lhe fizeram os dignos lentes da Universidade

Para as crianças — por D. Anna de Castro Osorio. — N.º 5 — 1.ª serie — Agosto 1897.

O sumario d'este numero da graciosa publicação traz os seguintes contos:

O corvo — A figura da raposa — Esperteza d'uma velha — Para os pequeninos — Correspondencia.

As illustrações por bem adequadas suggerem franca gargalhada aos leitores infantis, preenchendo assim perfeitamente o seu fim.

Portugal Agricola — dedicado aos interesses, fomento progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias. Redactor-proprietario, João Achilles Ripamonti. — N.º 1 do IX anno — 1897-1898 — Julho de 1897.

Acaba de entrar, como se vê, no seu nono anno de publicação este periodico agricola. Tal facto representa um levantado elogio aos seus redactores e illustre director, que bem reconhecendo essa significação, declara no rosto do novo volume do seu apreciadissimo e conceituado hebdomadario:

«Desde a fundação do *Portugal Agricola* que temos sempre encontrado da parte de redactores,

fervor pelo progresso da agricultura patria e pela defeza dos interesses da classe rural.»

Da convicção que dictou estas phrases são prova abonatoria os oito annos decorridos. Felicitamos pois o nosso illustre collega sr. Achilles Ripamonti, pelo anniversario da sua bella publicação.

Analyse Medica — Porto — 1897.

Do analysta portuense sr. A. Cardoso Pereira, recebemos o folheto acima, em que este medico especialista no diagnostico das doenças internas pelos methodos chimicos, microscopicos e bacteriologicos, mostra a importancia da analyse da urina, do sangue, do conteúdo estomacal, da investigação do bacillo da tuberculose nos escarros, urina, etc. e do cocco de Neisser, examê histologico de tumores, etc. Analyse chimica, microscopica e bacteriologica dos transsudatos e exsudatos das sorosas, liquidos kysticos, etc., etc. Analyse bacteriologica das aguas potaveis, dos productos pathologicos que se encontram sobre as amygdalas (diagnostico bacteriologico da diptheria) etc., etc. Exame do leite das amas, dos alimentos suspeitos, etc., etc.



TEMPLO DE BISNAGA — Gravura extrahida da *Chronica dos Reis de Bisnaga* por David Lopes

e varias corporações scientificas de Coimbra e do paiz.

Manifestações, como a que alvejou o reverendissimo bispo conimbricense, honram quem as faz e a pessoa a quem são dirigidas.

Ao noticiarmos esta *Allocução*, saudamos e felicitamos o venerando prelado, brilhante ornamento do clero portuguez.

O Instituto — Revista scientifica e litteraria. — Volume 44. — N.º 7 e 8 de agosto de 1897.

Mais dois numeros da conhecida revista nos honraram com a sua visita, sempre estimada. Do ultimo, o sumario, variado e interessante, é o seguinte:

Instrução superior, pelo visconde de Villa Maior; Notas de um pae, por Bernardino Machado; Relatorio sobre o segundo congresso internacional de chimica applicada, por Charles Lepierre; Indices cephalicos dos portuguezes, por Alvaro José da Silva Basto; Tecidos liquidos dos animaes, por A. A. M. Vellado Alves Pereira da Fonseca; Memoria e estudo chimico sobre as aguas mineraes e potaveis de Moledo, por A. J. Ferreira da Silva; L'amour antique, por Mare Legrand; Viagens da India a Portugal por terra e vice-versa, por Sousa Viterbo; Antonio Homem, por Antonio José Teixeira; Memorias de Castilho, por Julio de Castilho.

colaboradores e assignantes o mais decidido apoio e auxilio; o de uns traduzindo-se em escriptos de valor e de grande utilidade, dando assim nome á nossa Revista; o de outros pondo-nos a coberto, com a importancia das suas assignaturas, dos encargos pesados d'uma publicação da indole da nossa, e habilitando-nos a melhoramentos materiaes que temos posto em execução.

A acceitação manifesta que tem tido o nosso jornal por parte da lavoura é para nós incentivo sufficiente a que não esmoreçamos na missão que nos impuzemos.

E esta acceitação é para nós tanto mais agradavel, quanto ultimamente temos visto avolumarem-se sobre a nossa banca de trabalho cartas e bilhetes dos nossos assignantes, consignando palavras de congratulação e estímulo ao nosso empreendimento.

Agradecendo mais uma vez a penhorante coadjuvção de todos, só nos resta envidar os melhores esforços para continuarmos a corresponder a tanta estima e dedicação.

E' esse o nosso unico fito.

Ao encetarmos com o presente numero o 9.º anno de publicação do *Portugal Agricola*, procuraremos não desmerecer do auxilio que nos é prestado, atendo-nos ás normas do programma que temos seguido e pugnando com o mesmo

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encomendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO Por E. ABOUT Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores
PREÇO 200 réis, pelo correio 220

Pedidos á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova d' Loureiro, 25 a 39